

ÍNDICE

Alguns Fragmentos Que Podem Fazer as Vezes de Prólogo	9
Revolução	17
Constituição	205
Regular Funcionamento das Instituições	235
Europa	291
Regresso a Casa	431
Lista das Histórias	443
Bibliografia	451
Agradecimentos	453

Sim.

Lembro-me de tudo.

Lembro-me perfeitamente.

Estou no corredor, descalça, em pijama, a espreitar para dentro da sala.

Os meus pais estão sentados no sofá a ver televisão. Não se aperceberam da minha presença. Sou demasiado nova para estar acordada àquela hora. Se me mexer, se fizer barulho, irão voltar-se para mim e, sem se levantarem, irão mandar-me de volta para o meu quarto.

Apesar de estarmos ainda em Setembro, sinto frio nos pés e tenho de contrariar a vontade de espirrar.

No ecrã da televisão está um homem a discursar, de três quartos, enquadrado do peito para cima. Usa óculos de aros grossos. A testa é ampla e encimada por alguns cabelos escassos, penteados para trás. Fala com energia e gravidade.

Ouçó isto: «O Senhor Presidente da República resolveu, no seu alto critério e segundo as normas constitucionais, designar-me para a presidência do Conselho de Ministros.»

Ouçó isto: «O País habituou-se durante largo período a ser conduzido por um homem de génio; de hoje para diante, tem de adaptar-se ao governo de homens como os outros.»

Ouçó isto: «Pensei particularmente na necessidade de não descurar um só momento a defesa das províncias ultramarinas» e os aplausos entusiasmados de uma audiência que não está visível.

Ouçó ainda isto: «Em tal situação de emergência, há que continuar a pedir sacrifícios a todos, inclusivamente nalgumas liberdades que se desejaria ver restauradas.»

Quando desvio o olhar do ecrã e o dirijo aos meus pais, que estão de costas, mas cuja expressão me sinto capaz de adivinhar, fico a pensar

que talvez estejam angustiados porque não sabem se a cena a que estão a assistir é um epílogo ou o começo de algo completamente novo.

Lembro-me perfeitamente. Porém, quando me recordo desta noite, acontece um fenómeno curioso. Vejo-me como se fosse pelo olhar de outra pessoa, alguém que tivesse surpreendido esta cena familiar e tivesse ficado a assistir. Vejo o meu corpo de menina, vejo o pijama amarelo de flanela. Vejo-me a olhar para os meus pais e para a televisão e sinto em mim a mesma vaga apreensão que atribuo aos meus pais.

Isso de os meus pais se interrogarem sobre se o que estão a ver é um epílogo ou um novo começo não pode deixar de ser uma noção mais tardia, que eu enxertei nesta memória. Nessa noite, não devo ter sentido nada a não ser frio, sono e o medo de ser descoberta.

Campo de Santa Clara, Feira da Ladra, Lisboa. Uma terça-feira de finais de Janeiro.

— Onde está o livro?! O que fez você do meu livro?!

O vendedor voltou-se para o cliente esbaforido que, inclinado para a frente, explorava com o olhar o rectângulo de oleado onde estavam dispostos, em desordem: discos de 45 rotações, bibelôs, dicionários, caixas de cartão cheias de medalhas, moedas e botões de punho.

— Vendi-o.

— Mas vendeu-o a quem?

— Vendi-o a um cavalheiro que me ofereceu cinquenta escudos acima do preço que eu pedia.

— Como foi possível? Você não tinha esse direito. Eu disse-lhe que ia a casa buscar o dinheiro e que voltava logo a seguir. Se era pelo preço, eu também seria capaz de lhe oferecer mais cinquenta escudos, ou até mesmo cem ou duzentos escudos.

— Mas não ofereceu. E eu nunca disse que o livro ficava reservado.

— Você não está a perceber como o livro era importante para mim. Como era esse indivíduo? Ainda está por aí? Foi há pouco tempo?

O vendedor, que estava sentado numa cadeira de lona, fez um gesto vago. Parecia desinteressado do assunto.

— Era um cavalheiro como outro qualquer. Pelo aspecto, tanto podia ser um funcionário público como um caixeiro-viajante ou um escroque. Calvo, nariz grande, mais baixo do que alto. Pareceu-me vê-lo seguir por ali, pela rua que vai dar ao Panteão.

O cliente frustrado concedeu a si mesmo um suspiro de desalento, inaudível, antes de se voltar para a direcção indicada.

— Não percebo o interesse súbito por este livro velho. Veio do sótão da minha madrinha, que morreu no mês passado. Parecem ser as memó-

rias de um provinciano, quase de certeza publicadas pelo autor à sua custa para satisfazer uma vaidade. As páginas deste exemplar nem sequer tinham sido cortadas.

— Se você soubesse! Se soubesse o que esse livro significa!

Isto foi dito numa voz excitada, prontamente cancelada pelo burburinho da multidão.

Nessa noite eu não conseguia dormir, por isso fui à cozinha beber um copo de água. Da janela, que dá para o Tejo, vi um foco de luz a meio do tabuleiro da ponte.

Não tive tempo para pensar em explicações nem para sentir surpresa. O objecto, que àquela distância fazia lembrar uma caixa de fósforos mas que não podia deixar de ser descomunal, começou a sua queda, que eu segui até ao choque com a água do rio graças ao feixe de luz projectado de cima da ponte e ao luar, bastante generoso apesar de a lua estar em quarto minguante havia quatro noites.

Fez lembrar uma ave em voo picado para caçar uma presa, pronta a inverter a trajectória e a recuperar subitamente altitude.

Nunca me esquecerei desse momento. Foi um momento belo, tornado ainda mais belo por ter sido tão inesperado. Como um presente que a insónia trouxe até mim.

Por isso, sinto pena daqueles que garantem que aquilo não aconteceu; que foi tudo invenção; que não passou de uma história falsa que alcançou uma proporção que ninguém previra.

Porque eu vi. Não tenho dúvidas. E sei de outros que também viram. Quando me lembro dessa noite, parece-me que consigo escutar um clamor em uníssono emitido pelas testemunhas, que estiveram unidas, sem o saberem, durante aqueles segundos.

«Que coisa extraordinária!», terão eles dito, ou pensado. «Jamais nos esqueceremos do que vimos!»